

E havia o que mostrar?

And was there anything to be shown?

Y había algo que mostrar?

MIYAMOTO, James

Professor Associado I, UFRJ – PROURB. Brasil, jamesmiya@terra.com.br

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo

Professor Titular, UFRJ – PROARQ. Brasil, gustavorpeixoto@gmail.com

KÓS, José

Professor Adjunto III, UFRJ – PROURB. Brasil, josekos@gmail.com

RESUMO

Está em curso na cidade do Rio de Janeiro, RJ, um grande projeto urbanístico, cujo objetivo é criar uma centralidade urbana importante junto ao centro financeiro da cidade, em faixa lindeira à Baía de Guanabara. Batizado de Programa Porto Maravilha, a iniciativa busca atender a novos padrões de sustentabilidade ambiental, social e cultural. Durante quase três décadas, houve diversas tentativas de revitalizar a área. Há um novo contexto na relação da cidade com o mar mesmo que fortemente poluído. Novos usos e outras formas de ocupação são esperados. Dentre as intervenções previstas, a demolição do viaduto da Perimetral deve contribuir para o êxito de revitalização da região. Uma nova fachada da cidade surge e diversas edificações são reveladas e agora se pode perguntar: E havia o que mostrar?

PALAVRAS-CHAVE: urbanismo ecológico, ecologia cultural, *waterfront*, projeto urbanístico.

ABSTRACT

It is now in progress in the city of Rio de Janeiro, Brazil, a large urban project, whose goal is to create an important urban centrality next to the financial city center, in the waterfront near the bay. It is called Programa Porto Maravilha, the initiative seeks to meet the new standards of environmental, social and cultural sustainability. For nearly three decades, several project attempts were made to revitalize the area. There is now a new context in the city's relationship with the bay even if it is heavily polluted. New uses and other forms of occupation are expected. Among the interventions, the demolition of the Perimetral viaduct must contribute to the successful revitalization of the region. A new façade emerges for the city and several buildings are revealed. And one can wonder: And was there anything to be shown?

KEY-WORDS: *ecological urbanism, cultural ecology, waterfront, urban project.*

RESUMEN

Se está llevando a cabo en la ciudad de Rio de Janeiro, Brasil, un gran proyecto urbano, cuyo objetivo es la creación de un importante centro urbano cerca del centro financiero de la ciudad, en la franja frontera a la bahía. Ese es llamado Programa Porto Maravilha, la iniciativa busca cumplir con los nuevos estándares de sostenibilidad, social y cultural. Durante casi tres décadas, hubo varios intentos de poner en práctica iniciativas para revitalizar el área. Hay un nuevo contexto en relación de la ciudad con la bahía, aunque muy contaminada. Se esperan nuevos usos y otras formas de ocupación. Entre las intervenciones, la demolición del viaducto

Perimetral debe contribuir a la revitalización exitosa de la región. Una nueva fachada de la ciudad viene y varios edificios se revelan y se puede preguntar: ¿Y había algo que mostrar?

PALABRAS-CLAVE: urbanismo ecológico, ecología cultural, waterfront, proyecto urbano.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, em uma grande cidade, por razões diversas, uma pujante região entra em processo de decadência. Como se o destino fosse inexorável, passam-se décadas até que outra atitude de planejamento atribua nova importância para o local a fim de se implantar um processo de recuperação, renovação ou revitalização.

A região portuária da cidade do Rio de Janeiro situa-se em uma região central de fundamental importância, pela proximidade ao centro financeiro da Capital Fluminense. Em função de novos processos operacionais a partir dos anos 1970, esse entreposto portuário, outrora de atividade intensa, entrou em violenta e acelerada decadência.

Durante quase três décadas, houve diversas intenções de implantação de iniciativas no âmbito do planejamento e do projeto urbanístico que objetivavam revitalizar a área. Especialmente notáveis são a preservação do Morro da Conceição como “área de entorno” pelo IPHAN e a criação da primeira Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ), nos anos 1980, incluindo Saúde, Gamboa e Santo Cristo – Projeto SAGAS. Essas medidas foram estimuladas pela pressão principalmente das comunidades locais, após a abertura política e redemocratização do país.

Atualmente, por iniciativa da PCRJ, está sendo implantado um grande projeto de requalificação urbana (*waterfront*), na Zona Portuária central, conhecido como Programa Porto Maravilha. Pode-se dizer que um dos fatos protagonistas do projeto urbanístico baseia-se na demolição do longo viaduto conhecido como “Perimetral”, que se localizava em faixa paralela e lindeira a um trecho da Baía de Guanabara, e coincidente com toda extensão da zona objeto de intervenção.

Como um enorme biombo, a continuidade espacial, entre a frente de água e o tecido da cidade, era comprometida. É evidente que, em linhas gerais, a recente demolição da pesada (e contudente) via elevada tende a promover uma ambiência mais livre e propícia à circulação pedonal e ao lazer, em espaços públicos livres, no trecho que margeia a Baía de Guanabara. Mas, como em uma peça, o público tem expectativa, a equipe cenotécnica se esmera, a produção é grandiosa e o marketing atuante. Abrem-se as cortinas... e havia o que mostrar?

2 DESENVOLVIMENTO

Em quase todo o mundo, padrões contemporâneos de funcionamento das zonas portuárias ensejaram uma nova temática de apropriação do espaço urbano. Diversas iniciativas de caráter revitalizador e carimbo “*waterfront*” surgiram nas últimas seis décadas, sobre bases recorrentes de sítios economicamente decadentes. De uma forma desatenta, poderia se acreditar que há uma fórmula ou receita que uma vez administrada resultaria necessariamente em uma requalificação espacial com consequências urbanas positivas. Na realidade, o pensamento de Norberg-Schulz (2006, p. 445) ajuda a conter um certo ímpeto conclusivo e torna mais claro as relações existenciais que emergem de um lugar:

“Geralmente se entende o “ter lugar” num sentido quantitativo e “funcional”, com implicações que remetem ao dimensionamento e à distribuição espacial. Mas as “funções” não são inter-humanas e similares em toda parte? É evidente que não. Funções “similares”, mesmo as mais básicas como dormir e comer, se dão de diferentes maneiras e requerem lugares que possuem propriedades diversas, de acordo com as diferentes tradições culturais e as diferentes condições ambientais”.

As questões que norteiam a proximidade da água e as feições de uma herança portuária podem se assemelhar em diferentes locais, portanto, mas as especificidades urbanas devem ser respeitadas. A identidade funcional remanescente é possivelmente a parte conceitual mais prosaica da intervenção ou da interpretação do “fato urbano”. Rossi, por exemplo, afirmava “que a explicação dos fatos urbanos mediante sua função deve ser repelida quando se trata de esclarecer sua constituição e sua conformação; poderemos dar exemplos de fatos urbanos proeminentes em que a função mudou no tempo” (ROSSI, 1995, p.29).

O objetivo do referido projeto urbanístico em implantação é criar uma centralidade urbana importante junto ao centro financeiro da cidade, em área de grande densidade histórica, mas tornada economicamente ociosa. Trata-se de uma área de 5 milhões de metros quadrados e quase 5 Km de extensão, em faixa contígua à Baía de Guanabara. Os limites da intervenção se estendem entre as imediações da histórica Praça XV e o inóspito Canal do Mangue. Como qualquer intervenção urbanística, deve atender sobretudo aos padrões de sustentabilidade social, ambiental e cultural.

Não obstante constituir-se importantíssima via de circulação expressa de veículos, o antigo viaduto da Perimetral, coincidente com toda a extensão da área objeto do projeto de requalificação urbana, contribuía fortemente para que a relação visual entre o ambiente construído e a frente de águas (com seu exuberante cenário natural e humano) fosse prejudicada. Fruto de um tipo de urbanismo rodoviário que prevaleceu na cidade entre os anos 1960 e 1980, a Perimetral seccionava

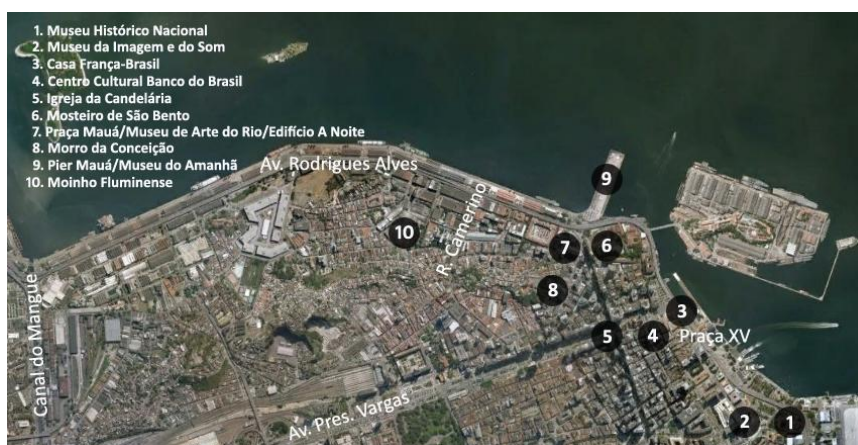
negativamente a ideia de amplitude em relação à Baía de Guanabara.

A eliminação desta imensa barreira deve contribuir para o êxito do projeto de revitalização da região, há anos subutilizada. Embora não pareça fundamental definir as visadas principais do conjunto, pois o aspecto fenomenológico, complexificado pela espacialidade, transcende esta racionalidade, admite-se que duas perspectivas principais se desvelam.

Vista da terra, há uma atraente paisagem natural que coexiste com intervenções de cunho antrópico, que somente resiste ao magnetismo contemplativo a certa distância (em função de uma baía fortemente poluída). Vista do mar, uma “nova” fachada da cidade surge e pode ser considerada um dos pontos centrais deste estudo. Ao longo desta extensão costeira, há uma amostra de uma cidade que se ergueu ao longo de 450 anos.

O centro do Rio de Janeiro é uma zona urbana única, onde se encontram os edifícios e ambientes urbanos que evocam a origem e o desenvolvimento de uma das cidades mais densas em significado histórico das Américas. Com a demolição dos morros do Castelo e Santo Antônio, São Bento e Conceição se tornaram os únicos remanescentes da primitiva delimitação do Rio de Janeiro. O alto da Conceição conserva o mais antigo trecho de malha urbana da cidade¹. Há na região comunidades que se identificam com seu lugar e valoram positivamente as ambiências urbanas de seus bairros. É importante observar que longitudinalmente também a região portuária objeto de intervenção possui duas estruturas ambientais nitidamente distintas (Figura 1). A retirada do viaduto revelou algumas boas surpresas.

Figura 1: Mapa geral da área



Fonte: Google Earth, acesso: maio/2015.

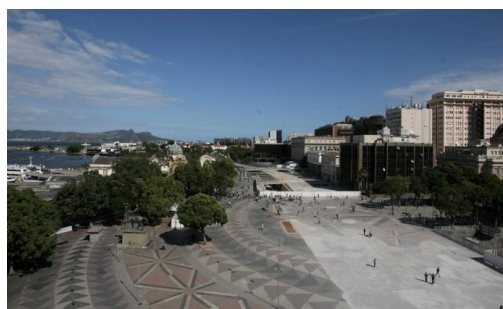
O trecho paralelo à orla, que se estende da rua Camerino até ao Canal do Mangue, é, salvo por algumas edificações pontuais, pouco expressivo do ponto de vista da qualidade arquitetônica e, sobretudo, urbanística. Por outro lado, os edifícios notáveis e os espaços mais pitorescos e significativos localizados sob o antigo viaduto se estendem do Museu Histórico Nacional – onde iniciava a via elevada – até o ponto sobre o cruzamento da rua Camerinoⁱⁱ. A Praça XV (Figura 2 e 3), que agora se estende em direção à Baía da Guanabara, enobrece uma das fachadas do Centro da cidade do Rio de Janeiro, sem o anteparo que lhe ocultava a história. Há elementos de destaque histórico que se prolongam desde o Museu Histórico Nacional, passa pelo Museu da Imagem e do Som, – remanescente da Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência em 1992, - se estende até o restaurante Albamar - instalado em um dos torreões laterais do antigo Mercado Municipal, - e segue até o Paço Imperial.

Figura 2: Foto - Luiz Carlos Toledo.



Fonte: Lauande, F.. A Praça dos Três Poderes. Vitruvius, 120.01, ano 10, maio 2010.

Figura 3. Foto - Luiz Ackermann.

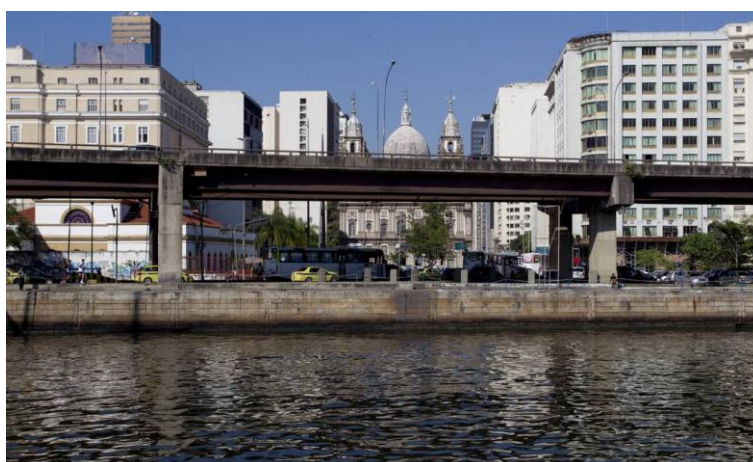


Fonte: O Globo on line. 03/11/2014. <http://oglobo.globo.com/rio/no-porto-uma-nova-cidade-que-se-revela-desde-inicio-da-derrubada-da-perimetral-14416324> , acesso: janeiro/2015.

A igreja da (Irmandade de Nossa Senhora da) Candelária, finalmente “ganha uma frente” mais compatível com a sua importância e passa a se defrontar com uma área de lazer (em continuidade

espacial com a Baía), no entorno de antigos vizinhos como a Casa França-Brasil, o Centro Cultural Banco do Brasil etc. e “novos” vizinhos como Igreja do Mosteiro de São Bento, a Praça Mauá, o Museu do Amanhã etc. Todos interligados por uma verdadeira *promenade* às margens da Baía de Guanabara (Figuras 4 e 5). Mais adiante, até que se chegue ao Moinho Fluminense, localiza-se um grande número de edifícios e espaços urbanos notáveis que representam todos os diferentes momentos da aventura histórica da antiga capital do Brasilⁱⁱⁱ.

Figura 4: Igreja da Candelária oculta pelo viaduto da Perimetral



Fonte: Foto - Márcia Foletto, <http://oglobo.globo.com/rio/perimetral-para-nao-ser-esquecida-10394243> , acesso: janeiro/2015.

Figura 5: Conjunto da Igreja da Candelária, Centro Cultural Banco do Brasil e Casa França-Brasil



Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/a-revitalizacao-do-centro-do-rio-12446537> , acesso: janeiro/2015.

Em alguns casos, as ações da Prefeitura sobre a área já provocaram um efeito catalisador que trouxe (re)vitalidade às antigas instalações da fábrica de chocolate Bhering, transformada em ateliers e

pequenos escritórios, e ao anexo do Teatro Municipal, por exemplo. Daí em diante a antiga Perimetral seguia junto à uma sequência repetitiva dos armazéns (Figura 6). Aliás, deve se salientar que essas edificações – de plano livre e pé-direito alto – poderão facilmente abrigar diferentes atividades ao longo do processo de revitalização. Na continuidade, o elevado se articulava com as vias elevadas sobre a av. Rio de Janeiro e av. Brasil, com o binário da av. Francisco Bicalho e daí à Linha Vermelha, o elevado Engenheiro Freyssinet (sobre a rua Paulo de Frontin). O antigo elevado conectava desse modo o tráfego rodoviário metropolitano com relativa eficácia.

Figura 6: Armazéns da Zona Portuária



Fonte: Foto - James Miyamoto.

Deve-se sublinhar, contudo, que muitos edifícios que eram utilizados como armazéns, mercados, serralherias, fábricas etc. e se encontram abandonados há décadas (Figura 7).

Figura 7: Edifícios abandonados ou subutilizados



Fonte: Foto - James Miyamoto



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Como visto, diversas edificações e conjuntos urbanos existentes no local devem ser respeitados. Há expressivos exemplares físicos e espaciais de um passado que alcançou pujança. A região, decadente nas funções, resignou-se à desatenção da gestão pública e ao crescimento urbano acrítico e violento. Revitalizar a região, através da valorização de seu patrimônio e de suas comunidades, significa recuperar quase quatro séculos de história da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, em um contexto de atenção ambiental, social e cultural:

“O urbanismo ecológico pode ser visto como um instrumento que propicia práticas e sensibilidades capazes de apurar nossas perspectivas com relação ao desenvolvimento urbano. Não estamos sugerindo que o urbanismo ecológico seja um modo totalmente novo e singular de prática arquitetônica – ao contrário, ele utiliza uma multiplicidade de ferramentas, técnicas e métodos antigos e novos, em uma abordagem multidisciplinar e colaborativa em relação ao urbanismo visto através das lentes da ecologia” (Mostafavi, p. 26).

3 CONCLUSÃO

Enfim, como se pode concluir, diversas edificações tornaram-se “mais visíveis”, em função da derrubada da Perimetral. Há, contudo, alguns temas a serem destacados. Em primeiro lugar, as sucessivas gestões Estaduais e Municipais envolvidas, por exemplo, não parecem ter dado a importância necessária ao mar e à Baía da Guanabara. Combater a péssima qualidade da água e recuperar as muitas praias poluídas, por exemplo, deveria ser uma medida básica e preliminar a ser adotada diante da ideia de se implantar um projeto urbanístico de *waterfront*. Haveria uma ambiência superior com maior possibilidade de apropriação pelos frequentadores.

Em segundo lugar, os usos que serão estabelecidos em níveis de comércio, serviços, habitação, lazer etc. serão fundamentais para que a ocupação seja ampla e consistente. Muitas atividades de entretenimento previstas, por exemplo, - museus, aquário etc., - concentram-se basicamente em horários diurnos e finais de semana. Uma característica persistente do Centro da cidade do Rio de Janeiro que ocasiona uma tradicional desocupação desta parte da cidade. Um aprofundado estudo de zoneamento deve buscar a mitigação deste problema e a promoção da diversidade social local.

Em terceiro lugar, deve-se atentar para o fato de que a Zona Portuária não consiste somente das franjas que se fronteiam à Baía de Guanabara. Ao contrário, há ocupações históricas, heranças culturais e relações comunitárias reais que não podem ser desconsideradas em um projeto de revitalização da região. Caso contrário o programa se transformará fatalmente em mero trator de turistas estranhos à área e em poderosa frente para o investimento imobiliário, sem que as relações culturais sejam efetivamente valorizadas.

Em quarto lugar, um projeto que vise efetivamente a vitalidade urbana deve partir das relações culturais existentes. Caso elas sejam consideradas fracas ou insuficientes, impõe-se que sejam estimuladas e fortalecidas para que tenham efetiva significação nas novas inclusões. É indispensável levantar os valores peculiares dos bairros, aquilo que torna essa região única e tratar de reforçar aquilo que ligará os futuros espaços às raízes históricas e tradicionais das gerações sucessivas de moradores. Dito de outra maneira: é preciso que as intervenções sejam dotadas de especial delicadeza com a frágil ecologia humana dos lugares.

São inúmeras as ações sociais anunciadas no Projeto Porto Maravilha^{iv}. Mais de cinquenta cursos gratuitos são oferecidos desde preparação de gestantes, línguas estrangeiras, formação de artesãos e restauradores e oficinas de artesanato. Na maioria dos casos trata-se de capacitação de mão de obra para atividades relacionadas com os projetos para a área. Sob esse ponto de vista o programa é muito positivo.

Talvez falte uma ação efetiva de reconhecimento das manifestações culturais peculiares da área. Identificar o que caracteriza de modo único os hábitos sociais nos bairros e o que os distingue do restante da cidade é uma ação necessária. Essas manifestações são frágeis porque a população atual é muito reduzida diante das modificações muito rápidas que se anunciam. Registrá-las e buscar meios de reforçá-las pode ser condição de vitalidade própria para a área. Caso contrário pode acontecer – é quase certo que acontecerá – de o programa aniquilar a cultura e transformar a zona portuária em uma área turística despersonalizada inteiramente voltada para a exploração econômica do turismo.

Por fim, Uma discussão mais ampla com setores da sociedade poderia ter ensejado soluções paisagísticas que reforçariam a integração social e a sustentabilidade urbana, no âmbito dos espaços livres públicos. A mera remoção do antigo elevado talvez não resolva a complexidade do problema cultural da Zona Portuária. Sem a devida atenção aos aspectos humanos o Projeto Porto Maravilha pode converter-se em nova barreira a se interpor entre a orla e a cidade. Essa, uma barreira muito mais brutal e irremovível.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL, G. História das ruas do Rio de Janeiro. 5ª edição: Rio de Janeiro: Lacerda. 2000.

LAUANDE, F. A Praça dos Três Poderes. Vitruvius, 120.01, ano 10, maio 2010.

MOSTAFAVI, M. Urbanismo ecológico. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar *in* Nesbit. K. (org.) Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

ROSSI, A. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<http://oglobo.globo.com/rio/perimetral-para-nao-ser-esquecida-10394243> , acesso: janeiro/2015.

<http://oglobo.globo.com/rio/a-revitalizacao-do-centro-do-rio-12446537> , acesso: janeiro/2015.

http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/b418_13.jpg , acesso: janeiro/2015.

O Globo on line. 03/11/2014. <http://oglobo.globo.com/rio/no-porto-uma-nova-cidade-que-se-revela-desde-inicio-da-derrubada-da-perimetral-14416324> , acesso: janeiro/2015.

5 NOTAS

ⁱ Brasil, G. História das ruas do Rio de Janeiro. 5ª edição: Rio de Janeiro: Lacerda. 2000, p. 143.

ⁱⁱ Esse trecho corresponde a cerca de 2,5km de extensão.

ⁱⁱⁱ Nesse trecho estão situados todos os edifícios tombados em nível federal, estadual e municipal, as respectivas áreas de entorno e as Áreas de Proteção do Ambiente Cultural – APACs.

^{iv} Informações disponíveis em disponível em <http://www.portomaravilha.com.br>